

BELL, ALLAN. *The guidebook to sociolinguistics*. Oxford: Wiley Blackwell, 2014, 367 p.

Resenhado por Rosineide Magalhães de Sousa<sup>1</sup>  
(Universidade de Brasília – UnB)

Allan Bell é sociolinguista, professor de Linguagem e Comunicação, e diretor do Instituto de Cultura, Discurso e Comunicação da Universidade de Tecnologia de Auckland, Nova Zelândia. É editor do *Journal of Sociolinguistics* (Wiley Blackwell) e tem publicações na área de Linguagem e Mídia. Seu foco de pesquisa é o inglês da Nova Zelândia.

*The Guidebook to Sociolinguistics* organiza-se em doze partes que compõem uma Sociolinguística sem divisões, integrando temáticas dentro do escopo de estudo e de pesquisa dessa vertente em uma visão multidisciplinar. A obra apresenta uma discussão muito produtiva acerca do papel teórico da Sociolinguística na atualidade, em relação às questões sociais e às linguísticas, abordando como a língua se relaciona à estrutura da sociedade. A língua está relacionada a território, a gêneros, à etnicidade, à interação, a poder, a políticas linguísticas, a conflitos, à globalização, ao multilinguismo, a identidades e a ideologias. Diante disso, o autor faz referência a um dos teóricos da Sociolinguística, Dell Hymes (1974), para pontuar que as três formas de relacionar o linguístico e o social podem ser vistas pela Sociolinguística da seguinte forma: 1) Questões sociais são linguísticas, bem como questões linguísticas são sociais. 2) Investigação com base linguística advém de dados reais da sociedade. 3) A língua é inerentemente social e a sociedade é inerentemente linguística.

Seguindo essa linha de pensamento, o autor inicia a primeira parte do livro com duas questões provocativas: *What are sociolinguistics?* e *What is language?* Ele não responde imediatamente à primeira questão, apresentando-lhe resposta ao longo do livro, mas de imediato responde à segunda questão, propondo quatro propriedades que definem a língua na perspectiva da Sociolinguística, a saber: a língua é social; a língua é diálogo; a língua é profusão e a língua veicula identidade e ideologia. Ainda, na primeira parte do livro, Bell representa, por meio de um desenho oval, a noção do que a Sociolinguística, na sua tradição, agrega: Sociolinguística do multilinguismo; a Sociologia da linguagem; Construtivismo crítico; Sociolinguística variacionista; Sociolinguística interacional; Etnografia; Planejamento e Políticas linguísticas; Linguística aplicada; Linguística de contato; Alternância de código;

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Universidade de Brasília, atuando na graduação e na pós-graduação na área de Linguística. É Pesquisadora do CNPq e Coordenadora Institucional do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para Diversidade da CAPES/UnB. A obra resenhada é leitura obrigatória do Projeto SAF/CNPq, coordenado pela profa. Stella Maris Bortoni-Ricardo.

Dialectologia; Linguística histórica; Linguagem e gênero; Pragmática, Linguística antropológica, Análise do discurso e Psicologia social. Todos esses tópicos são explicados de forma sintética nessa parte e são retomados em partes específicas na obra.

Na segunda parte, intitulada *Profusion of languages*, Bell elenca uma questão muito interessante sobre o multilinguismo: a dimensão cognitiva, no que se refere ao desenvolvimento de habilidades linguísticas da pessoa na interação, quando ela precisa interagir em diferentes situações sociais, com outras pessoas de diferentes identidades sociais, acionando diferentes línguas. Além de enfatizar essa dimensão tão importante para o estudo do multilinguismo, o autor discute as seis dimensões do bilinguismo, que são: a individual versus a social; a produtiva versus a receptiva; a primária versus a secundária; a aditiva versus a subtrativa; a estável versus a dinâmica e, por fim, a indígena versus a imigrante. No que versa sobre o multilinguismo, em três ou mais línguas, esse fenômeno é uma realidade diária da vida de muitos países. Essa temática ressalta a importância de se investigar a identidade no cenário multilíngue, visto que, historicamente o multilinguismo surge por meio de herança, de imigração ou de mudança de fronteira.

Na terceira parte do livro, denominada *Language Shift and Maintenance*, Bell discute o contato entre línguas na sociedade e seu efeito à mudança ou à manutenção delas, mostrando que o contato entre línguas resulta, principalmente, da interação, entre os falantes de diferentes línguas, ocasionada pela mobilidade territorial, da história recente ou do passado. Ou, ainda, por vários outros motivos que levam as pessoas a irem de um lugar para o outro, como por exemplo, a busca por melhores condições de vida, por motivo de viagem, por exploração de uma nação sobre a outra, por conflitos políticos, religiosos, entre outros listados pelo autor. Destaca-se, ainda, em *Language Shift and Maintenance*, a problematização da revitalização de línguas, com o exemplo da língua Māori, o primeiro idioma oficial Nova Zelândia, que passou pelo processo de revitalização, mas que corre o risco de desaparecer, visto que se trata de uma língua falada por apenas quatro por cento da população desse país.

Duas consequências radicais dos contatos linguísticos são o nascimento e a morte de uma língua. Essa discussão está na quarta parte do livro, intitulada *Language birth and death*, onde Bell registra os conceitos de pidgin e de crioulo, na concepção de Thomason (2001), Hymes (1971), Holm (1988), Mufwene (2001) e de Muysken and Smith (1995). Nesse capítulo, o autor expõe com detalhe os processos de nascimento e de morte de uma língua, com destaque para os discursos de desaparecimento de línguas, mostrando o que pode ser linguístico e social nesse processo.

*Codes and Choices* e *Situated Language*, partes 5 e 6, abordam a Sociolinguística da interação, que investiga como as pessoas se relacionam em determinadas circunstâncias sociais, considerando as diferentes faces da interação conversacional e o propósito discursivo. Na parte 5, o autor revisita o conceito de comunidade de fala de uma forma instigante, evidenciando a variedade desse conceito na perspectiva de investigação de diferentes teóricos, tais como: Labov, Gumperz, Hymes e Kachru. Bell Traz, também, a discussão sobre os conceitos de diglossia, variedade linguística, alternância de código e repertório linguístico. Apresenta, ainda, um estudo de caso envolvendo alternância de código guiada por questões de gênero e de idade. Na parte 6, o autor relembra o estudo de Fishman sobre os elementos que compõem a interação conversacional, que são: Quem fala? Com qual variedade ou língua? Para quem? Quando? Onde? Sobre o quê? Com qual finalidade? Essas questões são essenciais para guiar uma análise na abordagem da Sociolinguística da interação. De acordo com essa perspectiva, merece destaque, nessa parte do livro, um exemplo de pesquisa sociolinguística sobre gíria e estilo, realizada em 2007, no Brasil.

A parte 7, *Variation in Language*, dedica-se a fazer uma revisão sobre a temática da variação linguística à luz do estudo desenvolvido pelo trabalho pioneiro de Labov, na cidade de Nova Iorque, na década de sessenta, do século vinte. Nessa parte, o autor além de discutir esse trabalho pioneiro da variedade do inglês nova-iorquino, de afrodescendentes, discute sobre classe, gênero e etnicidade, visto que, para Bell, esses fatores envolvem divisão sociocultural, identidade, conflito e dominação. O argumento da Sociolinguística da variação integra a variação e a transformação linguística e social. Esse argumento será o mote para as discussões das partes 8, *Language in Time*, e 9, *Language and Space*. Os quais tratam da Sociolinguística do tempo e do espaço.

Na parte 8, Bell discorre sobre idade e gênero que, para ele, são fatores sociais fundamentais para o estudo da variação linguística, porque a idade não é controlada pelo tempo cronológico, mas por dimensões psicológicas, sociais e culturais. Nessa concepção, as pessoas, homens e mulheres de meia idade e idosas, trazem consigo um arquivo linguístico de sua geração. De certa forma, apresentam dados de tempo real que revelam mudanças linguísticas. Além dessa discussão muito produtiva, sobre essa temática, destaca-se, nessa parte, a pesquisa sobre mudança linguística na internet.

A parte 9 traz uma discussão muito interessante sobre o espaço, que não é apenas físico, mas psicológico e social. Nesse sentido, interações rotineiras se organizam em grupos sociais que podem ser de diferentes regiões geográficas, de proximidade social, cultural, ou de ideologias distintas. Diante disso, o contato entre línguas ou variedades linguísticas pode

ocorrer em espaços específicos e com finalidades diversas. Com base nesses argumentos, Bell discute a relação entre língua e espaço, enveredando pela dialectologia, pela configuração de espaço, pelo contato entre dialetos, pelo nascimento de dialetos, com ênfase na multiculturalidade, pela morte de dialeto e outros assuntos afins. Nessa parte, merece destaque o caso dos “dialetos” europeus, como mostra a exposição a seguir. Nas últimas décadas, um grande número de imigrantes tem-se estabelecido em cidades europeias. Geralmente, esses imigrantes são oriundos de ex-colônias europeias. Essas pessoas vão para cidades que têm uma história de imigração, onde a população de imigrantes é maior do que a de pessoas nativas da localidade. Nessa situação, a língua dos imigrantes predomina nas interações, constituindo, de certo modo, o contato entre diversas línguas, criando situação de mistura de línguas.

*Valuing Language* é o título da parte 10. Nesse enquadre, o autor discute as formas como as pessoas valorizam sua língua ou sua variedade linguística. Uma dessas formas é a ideologia, discutida mediante a crença e o sentimento das pessoas em relação à sua língua ou sua variedade linguística. Uma língua ou variedade pode ser considerada bonita ou feia, superior ou inferior, de prestígio ou estigmatizada em relação à outra língua ou variedade. Para detalhar, essa abordagem. Bell discute, ao longo do capítulo, processos de ideologia linguística, língua e atitudes, discriminação linguística entre outras abordagens. Toda essa temática é de interesse da investigação da Sociolinguística, mas também da Antropologia, que tem investigado a ideologia e da Psicologia Social, que examina atitudes e discriminação linguísticas.

O campo de pesquisa de Bell, nomeado como Sociolinguística do estilo, é a temática da parte 11 da obra *Styling Language and Identities*. Essa parte apresenta a relação entre estilo da linguagem, identidade e significados sociais. Explica o autor que a investigação pode ser objeto de estudo tanto de alcance linguístico macro como de alcance micro. Na dimensão macro, pode-se ter como resultado a relação entre pronúncia e gênero, identidade ou a relação entre outras abordagens que envolvam fatores linguísticos e sociais. No nível micro, pode-se investigar como uma pessoa pode ser identificada pelo seu estilo linguístico. Sobre este último nível, o autor registra o estudo de caso sobre a atriz Marlene Dietrich. Ainda, nessa parte, o leitor terá a oportunidade de verificar outros tópicos relacionados à temática do estilo da linguagem e identidade, tais como: o estilo e mudança linguística, enquadre e estilização, desempenho e identidades sociolinguísticas e o poder do estilo. Ao final dessa parte, Bell sugere seis tópicos para a realização da análise de desempenho linguístico ou da Sociolinguística da voz, que merecem um detalhamento neste enquadre: *Physicality*: refere-se

aos meios, recursos tecnológicos para a veiculação do texto, do discurso, da voz. *Locality*: diz respeito ao questionamento do que seja o contexto, o local, da interação. *Variety*: refere-se à variedade das vozes, ao discurso, a evidências linguísticas de pressão centrífuga ou centrípeta. *Performativity*: diz respeito à interação, aos interagentes, ao desempenho dos interagentes, à intenção da interação. *Dialogicality*: refere-se às configurações inerentes à conversação, tais como: o diálogo estabelecido entre as pessoas, a colaboração entre os pares, a mudança de turno, as normas da interação, o silêncio, a mudança de tom da voz. Enfim, ao processo que se dá em uma conversação. *Identity*: tem a ver com os participantes da interação, quem são eles, qual é o significado social da interação para eles e como se dá o desempenho de sua voz na interação.

A última parte, *Theory and Engagement*, é uma síntese que revisita toda a temática da obra. Consiste no confronto de ideias que emanam da teoria da Sociolinguística e do seu real papel na análise dos fenômenos que afetam a língua e a sociedade em diferentes partes do mundo. Diante disso, Bell traz, à tona, problemáticas linguísticas e sociais que são campos férteis para a investigação da Sociolinguística.

Em suma, a obra *The Guidebook to Sociolinguistics* oportuniza a reflexão sobre abordagens teóricas e práticas da Sociolinguística, explorando principais fios dessa vertente, tais como o multilinguismo, a interação em diferentes contextos, a variação entre outras temáticas. Mostra também pesquisas sociolinguísticas realizadas em diferentes partes do mundo, em nível micro e macro. Instiga à investigação de fenômenos complexos que envolvem a relação entre língua e natureza social do ser humano, sem deixar de lado a dimensão cognitiva. O livro traz um vasto estudo sobre temáticas relevantes para a Sociolinguística, por isso, é indicado aos leitores que queiram conhecer essa grande área da Linguística, aos pesquisadores iniciantes e aos veteranos que queiram visitar os pressupostos da Sociolinguística em uma única obra.

Recebido em: maio de 2015  
Aprovado em: junho de 2015  
rosimaga@uol.com.br